

Artigo de Comunicação

MUDANÇAS NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO AGRÁRIO DO NORDESTE BRASILEIRO: UM ESTUDO ANALÍTICO

CHANGES IN THE BRAZILIAN NORTHEAST AGRARIAN SPACE: AN ANALYTIC STUDY

Luciano Ricardio de Santana
Universidade Federal de Sergipe - NPGE0
gladiuslucius@yahoo.com.br

RESUMO

O trabalho destina apresentar as principais análises sobre a mudança no espaço agrário nordestino, enfatizando os elementos que caracterizam as metamorfoses no espaço rural da Região Nordeste.

Palavras-chave: Espaço Agrário, Agricultura, Agricultura Familiar, Pluriatividade e Região Nordeste.

ABSTRACT

The work destines to present the principal analyses into change in the Northeastern agrarian space, emphasizing the elements that characterize metamorphosis in the agrarian space in Northeast Region.

Keywords: Agrarian Space, Agriculture, Family Farming, Pluriactivity and Brazilian Northeast Region.

1. INTRODUÇÃO

A Organização do Espaço Agrário Nordestino apresentava o processo produtivo que não fazia uso do capital acumulado para formação do mercado interno e, também, não concebia esforços para reversão das desigualdades sociais presentes na própria efetivação interna do modo de produção.

A base do processo de acumulação capitalista dominante no Brasil, em especial, no Nordeste tomava contornos mais perceptíveis devido à abrangência lucrativa do modo de produção voltado para exportação, o qual persiste como forte reconhecimento regional de uma elite voltada ao seu pioneirismo no processo produtivo exportador.

Apesar da forma de produção e do modo de acumulação, ou do destino dado ao excedente (destinar o excedente para o mercado externo), o processo, decorrido sete séculos depois, apresenta desgaste e amplia as desigualdades. O processo produtivo agrícola no Nordeste, destinado para exportação ou pautado na reversão do excedente para o mercado externo, favorece o aparelhamento financeiro para continuação do *status quo* da elite regional. A elite dominante é amparada pelos aparelhos do Estado, dando “conformidade ou integração de interesses” para a preservação da posição social privilegiada da pequena elite em detrimento a maioria da população.

Por conseguinte, a estrutura produtiva passa assumir outras funções ou engendrar novas formas produtivas, que adentram na realidade agrícola nordestina, dando outras configurações ao espaço agrário. Tais mudanças são apenas concretizadas nas contínuas necessidades do Capital para expandir-se em direção às áreas onde o processo de expropriação do excedente recomeça em ciclos ininterruptos.

A Organização do Espaço Agrário Nordestino está contido dentro de uma ótica de abrangência das mudanças no processo produtivo agrícola que converge, na sua totalidade, à realidade da Economia Brasileira, no seu atual estágio de dinamismo econômico-produtivo-social, estruturando-se dentro do uso capitalista do espaço rural.

Este artigo propõe uma análise sobre o processo de mudança no espaço agrário nordestino, concentrando-se no estudo sucinto das ações que possibilitam explicitar ou observar o estado atual das

modificações no sistema produtivo-social agrícola nordestino, o qual define o espaço rural do Nordeste e sua participação na amplitude da economia brasileira. Para Tal, discutem-se, no primeiro momento, as transformações produtivas no espaço agrário nordestino.

Em seguida, explicitam-se as Mudanças no Espaço Agrário do Nordeste, particularizando os impactos provocados pela insurgência das novas formas de produção no processo de transformação do rural nordestino. Ademais, estuda-se, logo após, a Pluriatividade e o processo de mudança no espaço agrário do nordeste, além da participação das transformações na Agricultura Familiar na reestruturação do Espaço Rural do Nordeste.

2. TRANSFORMAÇÕES DA FORMA PRODUTIVA NO ESPAÇO AGRÁRIO NORDESTINO

A caracterização das mudanças ocorre de forma concentrada em alguns pontos de ascensão de práticas localizadas (como a soja, a agricultura irrigada), não deixando pista sobre o surgimento das novas atividades agrícolas ou respostas ao atual estado de transformação produtiva na agricultura da Região Nordeste no final do Século Vinte e início do Século XXI.

Para Silva e Veras (1999), há uma outra lógica no entendimento das mudanças na transformação produtiva do espaço agrário nordestino que completa ou até generaliza.

Dentro da lógica sobre as mudanças produtivas no espaço agrário do nordeste, oferece-se o fato concernente, na verdade, às transformações e às reconstruções deste espaço. A mudança na forma produtiva é interna à lógica puramente determinista das ações que serão almejadas dentro do espaço e para a reconstrução deste.

Segundo Santos (2002), “as novas presenças técnicas vêm agindo e transformando o território”; isto imbuem na contextualização “os sistemas de objetos e sistemas de ação que formam o espaço” podem ser usados na (re)construção do espaço (Santos, 2002). A partir desta informação, é possível compreender a forma de mudança imposta ao espaço agrário nordestino. O próprio *locus* dos sistemas reformador do espaço rural se conforma com a

situação imposta pela nova ordem técnica, pelas ações transformativas da sociedade e economia e pela implantação de novos objetos que transfiguram meio rural no Nordeste.

O que realmente houve de novo no processo de reordenamento produtivo no espaço rural do Nordeste (em princípio, no semi-árido, é mais plausível perceber o espaço agrário em mudança)? O que realmente houve de novo no processo de mudança? Diga-se de passagem, não se realiza de forma gradativa no Nordeste. Realmente, percebe-se que, no espaço agrário nordestino, ocorrem as mudanças que possibilitaram transformações rápidas em pontos específicos no contexto rurais frente à expansão da economia da região

Conforme Abramovay (2002), o processo de mudança anda junto à inclusão de territórios social e economicamente atingidos pela síndrome da pobreza sistêmica que afeta a população nas regiões rurais do Nordeste. O sistema particular de mudanças, que articula os instrumentais, beneficia a expansão da técnica e das ações propícias à concretização de políticas públicas e a introdução de novas formas produtivas do espaço agrário e implantação de projetos de inclusão social.

O propósito das mudanças na organização do espaço agrário nordestino também está focado no processo de inclusão do próprio território rural e dos seus agentes às benesses da modernização do sistema de produção que engendram na estrutura agrícola uma nova dinâmica que re-caracteriza o espaço rural e concebe uma nova gama de articulações produtivas e socioeconômicas.

O fundamento do sistema é a apresentação de sua prioridade na busca pela transformação ou formalização do círculo de construções ou reconstrução do espaço agrário, dinamizando, ou gerando, inovações produtiva dentro meio rural nordestino. Este fato estabelece, como consequência, uma nova conformação do território rural nordestino. As mudanças no espaço agrário nordestino apresentam-se atreladas ao procedimento de transformação tecnológica e da adoção de novas formas de manejo dos recursos naturais. A base de produção tradicional, que, dantes, impera no espaço agrário nordestino (culturas agrícolas de subsistências, inclusive), encontra-se submersas na nova forma (modernizadora) que envolve as relações

entre os agentes e o espaço rural modificado, atando-se à nova lógica produtiva que abarca o território rural do Nordeste, baseando-se, pois, num processo de modernização limitada a fatores decisivos e influentes:

De acordo com Abramovay (1997), o processo de modernização da agricultura nordestina relaciona-se diretamente com as mudanças técnicas na própria organização produtiva e na iniciativa de “empresários inovadores” que dispõem de farta disponibilidade de recursos (naturais, humanos, financeiros e infra-estruturais) para dar conformidade aos empreendimentos localizados.

Para Alencar Jr. (2003), em relação ao campo social, as mudanças envolvem a população dentro das ações mobilizadoras e implementadoras do desenvolvimento local, que passam a englobar os processos associativos de produção agrícola, viabilizando a “sobrevivência da grande população que vive dentro da visão da agricultura familiar”; além de viabilizar, também a “prática da economia solidária entre os grupos associativos”, estando consociado às propostas do projeto de cidadania e de inclusão social através da formação de pessoas para atuarem como promotoras do desenvolvimento no meio rural nordestino.

A partir desta análise sobre a mudança no espaço agrário nordestino, descobre-se que as transformações são elencadas por um grupo de fatores que preponderantemente adentram o território rural nordestino com o objetivo de alicerçar uma nova dinâmica econômica de formação ou transformação do espaço agrário. O que dá origem ao processo de modificação das estruturas produtivas que atuam no construto do espaço rural, possibilitando o surgimento de significativos elementos que proporcionam a explicitação das transformações:

- Mudanças na estrutura produtiva familiar;
- Fortalecimento do associativismo e do cooperativismo;
- Implantação de novas práticas agropastoris; e
- Introdução novas práticas agrícolas (novos cultivares) e não-agrícolas.

A próxima linha de discursão deverá observar o que realmente é pautável como forma coerente de explicitação das transformações nos territórios rurais do Nordeste, além do entendimento acerca do

problema das mudanças no espaço agrário nordestino, que norteia a lógica através do conhecimento da real existência de inovadores elementos que modificam o sistema produtivo e que constituem os atuais fatores (tecnologia, políticas agrícolas e ações coletivas dos agricultores) que auxiliam a metamorfose do espaço rural nordestino. Com tal análise, percebe-se utilidade da difusão de inovadoras práticas agrícolas e não-agrícolas no Nordeste: Pluriatividade, pastoreio combinado, agricultura familiar inovada (inovações no sistema produtivo agrícola familiar), agronegócios e agroindústrias, agricultura orgânica e implemento de novas formas de ações coletivas no meio rural. Assim, impelem-se questionamentos acerca dos impactos de tais ações inovadoras no processo de transformação do espaço rural nordestino.

3. MUDANÇAS NO ESPAÇO AGRÁRIO DO NORDESTE: IMPACTOS PROVOCADOS PELA INSURGÊNCIA DAS NOVAS FORMAS DE PRODUÇÃO NO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO RURAL NORDESTINO

As novas formas (econômicas) de produção do espaço agrário na Região Nordeste são conhecidas como objetos e ações que agem no processo de reconstrução do espaço, delimitando assim, o seu atual aspecto ou redefinindo o seu novo estado através da percepção das dinâmicas internas (sociais, políticas e econômicas) que afetam a essência do sistema produtivo e a totalidade do território rural. A partir destas afirmações, os novos elementos oferecem meios necessários para uma efetiva reconstrução do meio rural nordestino, mesmo incorrendo a práticas produtivas que agem no espaço e nos seus atores de forma irreversível. A pluriatividade e agricultura familiar inovada surgem no meio rural do nordeste como “crias” das novas ações localizadas que impactam o espaço rural desta região.

3.1 Pluriatividade e o processo de mudança no espaço agrário do nordeste

Para Alves et al. (2005), o desenvolvimento dos espaços rurais nas sociedades de países subdesenvolvidos (como é notado no nordeste

brasileiro) depende, exclusivamente, não somente do “dinamismo do setor agrícola, mas também da sua capacidade de atrair outras atividades econômicas”. Para os autores, a “descentralização econômica e a disseminação espacial dos serviços criaram condições para que plantas industriais se instalassem em áreas rurais”. Isto promove processo de “expansão das cidades” que facilitara o acesso das populações rurais aos bens e serviços urbanos: “Isso fez com que fosse sendo reduzida a distância física e social entre populações urbana e rural”.

A pluriatividade surge como nova forma concebida pelo processo de desenvolvimento interno ocorrido no âmbito do espaço rural, gerando meios que são utilizados pela coletividade agrícola nordestina, originadas de uma nova lógica interligada à forma pluriativa que domina o chamado “Novo Rural”; descaracterizando sociedades baseadas num sistema tradicional de produção agrícola.

No caso do Nordeste, entende-se que a pluriatividade constitui atividade emerge a região numa nova lógica de reprodução ampliada, surgindo como paradigma à forma de empreendimento do desenvolvimento sustentável no espaço agrário nordestino. Para tal fato, propõe-se indicar os direcionamentos mais propícios às sua implantação, tratando a pluriatividade como nova fase de formação do emprego e renda nas áreas rurais da região, onde há um imperativo predominante da pobreza.

Concomitantemente, de acordo com Alves (2002), há uma pretensão que viabiliza a identificação de estratégias que são elaboradas pelos camponeses ao utilizarem-se da pluriatividade, esboçando a necessidade de uma participação ativa do poder público na sua efetivação, originando os “termos de políticas de desenvolvimento que atendem a essa realidade”. Conclui o autor que a pluriatividade é, a forma única de (re)organização do espaço rural sem que haja uma transmutação dos agentes para outros espaços: “[...] a pluriatividade representa uma das estratégias que os grupos elaboram para assegurar a permanência da família no campo e a sua reprodução como tal, quando não é possível consegui-las somente com a produção da terra [...]”. (ALVES, 2002)

A pluriatividade é uma forma de implementação de ações e objetos que ofertam, de forma eficiente e inovativa, os agentes e o territorial rural nordeste, envolvendo-os nos processos produtivos agrícolas e

não-agrícolas que capacitam uma nova forma de atuação direta sobre o construto do espaço rural. Para tanto, os agentes envolvidos (sindicatos de trabalhadores rurais, associações de agricultores e o Estado) empreendem as ações pluriativas como formas alternativas de usufruir os benefícios através do manejo eficiente dos recursos e implantação dos projetos que redefinem o espaço agrário nordestino. Porém a conscientização parte do poder público e expande-se para todos os demais agentes:

Para Alves et al. (2005), há presença de uma nova dinâmica no espaço rural, reconfigurando-o como espaço envolto num outra forma: o "novo rural". Como consequência, o "processo de modernização tecnológica" apresenta uma dinamização mais acentuada para a economia e para agricultura local e, por isso, promove uma economia mais dinâmica ao contrário das formas econômicas tradicionais agrícolas impostas ao espaço rural.

Desta feita, o espaço agrário no Nordeste é redefinido dentro desta nova gama de dinâmicas inovativas que utilizam a pluriatividade como forma de empreender, conjuntamente, as ações e os objetos que integram as bases modificadoras do espaço rural nordestino. Daí visualiza-se que a estrutura pluriativa deve estar intergrada à agricultura familiar sob a aparência de outras formas ligas ou não à agricultura, além do reordenamento do espaço rural da região.

3.2 Agricultura Familiar e as transformações no Espaço Rural do Nordeste

Ao se compreender o processo de introdução das ações pluriativas e seus objetos na recriação do espaço agrário nordestino, almeja-se observar que a própria alma do sistema produtivo agrícola do Nordeste, a agricultura familiar, é ponto central de atuação dos projetos de introdução de novas práticas agrícolas e não agrícolas. Por conseguinte, pede-se um forte entendimento das mudanças sugeridas ao espaço rural nordestino, iniciando-se pela fomento dos avanços na forma agrícola familiar.

Ademais, para observa a participação da agricultura familiar inovada, é indispensável apresentar o seu estágio atual nos últimos decênios do Século Vinte, no Brasil, inclusive no Nordeste, particularizando seu crescimento proporcional e sua maior integração à lógica de mercado agrícola.

Entretanto, a pequena produção, que, segundo Abramovay (1997), é calcada na agricultura de baixa renda (de subsistência) e se encontra sobe considerações relativas ao seu desempenho econômico como unidade produtiva, constrói uma conceituação estigmatizante da agricultura familiar:

Para Baiardi (1999), a agricultura familiar brasileira (em especial a nordestina) depende das ações, instituições e redes de cooperação que "resolvam os problemas de escala e que tenham interfaces com o sistema nacional de inovações e, em menor grau, de legislações protecionistas que, de certo modo, destoam das tendências no âmbito da OMC". No caso restrito da forma de Agricultura Familiar no Nordeste, corresponde dizer que uma nova construção da estrutura tradicional de agricultura familiar só ocorre de forma gradativa, estando, agora, assumindo um diferencial que contém uma etapa importante da forma de produção familiar alçada no cooperativismo ou associativismo, convergindo para uma necessária mudança na própria essência das transformações do espaço agrário da região nordestina.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações nas formas produtivas no Nordeste criaram condições para reconstrução do espaço rural desta região. O processo produtivo tradicionalmente limitado à cana-de-açúcar dá lugar, cinco séculos depois, a uma nova *démarche* do território rural nordestino, implantando modificações na base produtiva, promovendo a difusão de outras formas de ações e objetos que redefine o construto do espaço agrário na Região Nordeste.

Ademais, origina-se um outro espaço garantido pela propagação de novas ações produtivas pautadas em práticas mais modernas para a produção agrícola. Os impactos ocorridos promoveram a emergência de uma agricultura familiar a moldes modernos e o surgimento de atividades agrícolas inovadoras; aliadas também às práticas não agrícolas, que se denominam por Pluriatividade. Por conseguinte, entende-se que a estrutura da agricultura familiar encontra-se, num primeiro instante, atrelada aos resquícios das formas tradicionais de produção agrícola. Mas, atualmente, fomenta-se estudos que concebem a agricultura familiar uma compreensão

mais propícia dentro de um contexto inovador em que se engaja estrutura atual de atividade agrícola familiar.

Ao sair do atraso motivado pela concentração da agricultura familiar na prática agrícola de subsistência, a forma de produção agrícola familiar evolui e, como tal, adere-se às modernas iniciativas produtivas para a agricultura regional que se destinam estimular intervenções generalizadas no espaço agrário do Nordeste, modificando as ações coletivas dos agricultores; além de causar uma metamorfose no modo de produção agrícola tradicional e no meio rural da região.

Portanto, com os avanços da Agricultura Familiar e a influência da Pluriatividade, surge uma outra forma de composição do espaço rural nordestino. Desta forma, adere-se a questão da conscientização dos agentes (agricultores nordestinos) ao intuito de mobilização dos atores rurais sobre um novo paradigma que defende as mudanças no espaço agrário da Região Nordeste, criando um outro cenário centrado na introdução de novas formas de produção ou práticas inovadoras que são ou não relacionadas à agricultura; empreendendo uma nova dinâmica na atual etapa de reconstrução do espaço rural nordestino.

A mudança na base de produção e nas ações dos agentes que compõe o meio rural nordestino (agricultores) favorece a propagação dos objetos e práticas de transformam o espaço agrário em sua totalidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abramovay, Ricardo. 1997. Agricultura familiar e uso do solo. São Paulo em Perspectiva, abr/jun, v.11, n.2, p.02. Endereço URL: . Acessado em 02/10/2006.

_____. 2002. Diversificação das economias rurais no Nordeste. IN: Relatório final, Brasília, p.03-18. Endereço URL: .Acessado em 02/10/2006.

Alencar JR., José Sydrião de. 2003. Semi-Árido, Fome e Pobreza: a falta de foco nas estratégias de desenvolvimento para o Nordeste. IN: seminário Especial Fome e Pobreza, Estudos e Pesquisas, nº 58, Rio de Janeiro, p. 07. Endereço URL:

www.forumnacional.org.br/publi/ep/EP0058.pdf. Acessado em 02/10/2006.

Alves, M. O., Aalente jr., a. s., Brainer, M. S. C. P. 2005. Pluriatividade norural do pólo de desenvolvimento agrícola baixo jaguaribe (Nordeste, Brasil): problemas e potencialidades. II Congresso Iberoamericano sobre Desarrollo y médio ambiente – CIDMAII, dias 24 a 28 de outubro de 2005, Puebla, México, p.06-07. Endereço URL: www.bnb.gov.br/content/aplicacao/etene/artigos/docs/pluriatividade_bj.pdf. Acessado em 02/10/2006.

Alves, Maria Odete. 2002. Pluriatividade no sertão nordestino: uma estratégia de sobrevivência - O caso do município de Tejuçuoca, estado do Ceará. IN: Revista Raízes, v.2, n.1, p. 07-16. Endereço URL: www.bnb.gov.br/content/aplicacao/etene/artigos/docs/pluriatividade_sertao_%20nordestino.pdf. Acessado em 02/10/2006.

Aaiardi, Amilcar. 1999. BAIARDI, A. As Formas de Agricultura Familiar, à Luz dos Imperativos de Desenvolvimento Sustentável e Inserção no Mercado Internacional. In: Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, Foz do Iguaçu, Paraná, SOBER, nº. 37, p.06.

Santos, Milton. 2002. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, p.36-62.

Silva, Aldenôr G. da e VERAS, Edimilson C. 1999. A heterogeneidade da dinâmica das ocupações no Rural do Nordeste. In: X Encontro de Ciências Sociais do Norte/Nordeste, p. 03.